

REVISTA



RECONEXÃO PERIFÉRIAS



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS E
INDÍGENAS 2019. FOTO PAULO PINTO

A luta das mulheres na pandemia

lêda Leal fala sobre
representatividade

Mulheres da Luz
pautam a prostituição

AGENDA DE LUTAS MARÇO DE 2021



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



As mulheres e a pandemia



FOTO: SERGIO SILVA

A edição de março da *Revista Reconexão Periferias* traz como pauta principal a luta das mulheres no contexto da pandemia. No mês em que celebramos o Dia Internacional das Mulheres, tratar deste tema nos permite dar visibilidade ao movimento histórico de mulheres em busca da igualdade entre homens e mulheres, pelo fim do racismo e de toda forma de exploração.

A luta por uma vida digna, livre de violência, com direitos garantidos, autonomia econômica e política é antiga e cotidiana

para a maioria das mulheres em todo o mundo. Contudo, o momento pelo qual estamos passando, de epidemia por Covid-19, combinado com o absoluto descaso com a vida das pessoas por parte do governo federal, torna a sobrevivência das mulheres ainda mais difícil.

Pesquisa realizada pela organização Gênero e Número, em parceria com a Sempre Viva Organização Feminista (SOF), mostra que as condições de trabalho durante a pandemia sobrecarregaram principalmente as mulheres. Metade das brasileiras passou a cuidar de alguém durante esse período (idosos, crianças ou doentes), e 41% das mulheres com emprego afirmam estar trabalhando mais do que antes. O estudo indica ainda que a realidade não é a mesma para todas. Nos am-

bientes rurais, 62% das mulheres afirmaram que passaram a exercer uma tarefa de cuidado. E a maior parcela das mulheres que seguiu trabalhando com manutenção dos salários é de brancas. As que estão sem renda ou que tiveram prejuízo na renda são na maioria negras e representam 39% do total. E 58% das mulheres desempregadas são negras.

Além do campo do trabalho e renda, a pandemia intensificou as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no que diz respeito às múltiplas violências às quais elas estão submetidas. A violência física, sexual e psicológica foi intensificada na medida em que muitas mulheres passaram a conviver mais horas sob o mesmo teto de seus agressores.

A realidade encontrada pelas mulheres privadas

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ DIRETOR RESPONSÁVEL ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ COORDENADOR DO PROJETO PAULO CÉSAR RAMOS ■ EQUIPE ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ COLABORADORES SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ EDIÇÃO LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ REVISÃO ROSE SILVA ■ PRODUÇÃO EDITORIAL CAMILA ROMA ■ PROJETO GRÁFICO CACO BISOL ■ DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, LINDBERGH FARIAS, MÁRCIO JARDIM, VALTER POMAR

de liberdade, egressas do sistema ou com familiares afetados pelo sistema de justiça criminal durante a pandemia também foi ainda mais desafiadora do que o comum, e sobre ela trata o artigo das ativistas da associação Elas Existem Caroline Bispo e Sandra Cruz.

Esta edição traz também um artigo de Maria José de Souza Silva, Aline Maria da Silva e Angela Maria dos Santos Schepp, que, a partir da história da mulher negra em Mirandiba (PE), refletem sobre educação popular e afirmam a necessidade de pensar a pandemia considerando que todo este contexto agravou a situação das mulheres negras, uma vez que esta desigualdade é histórica, calcada no machismo e no racismo estrutural.

Na *Entrevista* do mês, Iêda Leal de Souza, coordenadora nacional do Movimento Negro Unificado (MNU), fala sobre a luta das mulheres negras e a diferença entre representação e representatividade de

pessoas negras em espaços de poder e de visibilidade.

A seção *Quando novos atores entram em cena* traz a primeira vereadora negra da história da capital do Paraná, Ana Carolina Darta, que é feminista negra, historiadora, especializada em ensino de Filosofia e mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O *Perfil* desta edição fala da ONG Mulheres da Luz, coletivo que busca promover a cidadania e a garantia de direitos humanos das mulheres em situação de prostituição do Parque da Luz e entornos. Desde 2013, realiza atividades relacionadas às áreas de educação e cultura, além da promoção de saúde e bem-estar social.

A sessão de *Arte* traz o projeto *Samba das pretas*, que, mais do que apenas música, é uma tática de resistência e de denúncia da invisibilidade da mulher dentro do universo do samba. E ainda a poesia de Arquimedes da Silva Machado, um dos funda-

dores do Sarau Itinerante, uma provocação poética de quase dez anos, que inclui poesia, música, folia de reis, capoeira, jongo e terapia das palavras, do desabafo, da escrita e das intervenções.

A edição de março fecha quando foi batida a marca de mais de 270 mil mortos pela Covid-19, com mais de dois mil por dia, mais de treze milhões de desempregados, em sua grande maioria mulheres, e com mais de dez milhões de brasileiras/os que passam fome. Somos solidárias/os às dores de todas as famílias que perderam entes queridos e também às famílias que estão em estado crítico de sobrevivência, passando fome e com outras privações decorrentes da situação econômica que estamos atravessando. Para esse momento em que é necessária tanta resistência e luta, ficamos com o chamamento de nossa entrevistada Iêda Leal “Temos que nos manter vivas, unidas e organizadas.”

Boa leitura! Boas lutas! ■

Elas Existem - Mulheres Encarceradas no enfrentamento à Covid-19

CAROLINE BISPO E SANDRA CRUZ

CAROLINE BISPO É MESTRANDA NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA, NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, DIRETORA-PRESIDENTADA ASSOCIAÇÃO ELAS EXISTEM- MULHERES ENCARCERADAS, ADVOGADA DE SEGURANÇA PÚBLICA.

SANDRA CRUZ É MESTRANDA NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA, NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, DIRETORA SECRETÁRIA DA ASSOCIAÇÃO ELAS EXISTEM- MULHERES ENCARCERADAS, BACHAREL EM DIREITO.

Em 2016, um grupo de mulheres (cis e trans) decidiu reunir-se para, por meio de suas especificidades profissionais, para realizar um trabalho político, acadêmico e de conscientização acerca das mulheres e adolescentes privadas de liberdade no Estado do Rio de Janeiro.

O objetivo era oferecer à sociedade informações sobre a situação das mulheres que foram afetadas pelo sistema penitenciário ou socioeducativo, apresentando dados informações colhidas em atividades realizadas dentro dos espaços de privação de liberdade, visando melhorar as condições intramuros para essas mulheres (cis e trans) e incentivar o debate sobre as causas e consequências do encarceramento em massa.

A Associação Elas Existem Mulheres Encarceradas¹ necessitou reinventar-se e redesenhar sua forma de atuação diante

do cenário pandêmico mundial, com o intuito de alcançar as mulheres privadas de liberdade, as egressas e os familiares de todos aqueles que foram afetados pelo sistema de justiça criminal.

Em julho de 2020, segundo o Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário do Tribunal de Justiça do Estado (GMFSC)², o Rio de Janeiro possuía o total de 51.602 pessoas privadas de liberdade no sistema carcerário, entre presos provisórios, em regime fechado, em regime semi-aberto, em regime aberto e em

cumprimento de medida de segurança nos hospitais penais psiquiátricos. Dados levam à reflexão de que, considerando os vínculos familiares, a partir da constatação de que cada uma dessas pessoas possui em média quatro membros em seus núcleos familiares, estaríamos falando de mais de 200 mil pessoas afetadas pelo sistema de justiça penal no Rio de Janeiro em plena pandemia mundial.

Como ação efetiva, a Elas Existem passou a monitorar o efetivo carcerário de mulheres cis³ e de adolescentes privados de liberdade no Estado do Rio de Janeiro. Com base nas informações oficiais, as advogadas passaram a acompanhar todas as ações judiciais coletivas que tivessem como temática o sistema prisional, adentrando algumas, como *Amicus Curiae*⁴, para levar as especifici-

dades das mulheres cis e trans, assim como participando efetivamente na inicial da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 684, que trata

sobre impactos da pandemia da Covid-19 nas penitenciárias brasileiras e seus desdobramentos.

Desta forma, a *Elas Existem* atuou para capitalizar direitos para

as mulheres cis e trans, questionando a estrutura desigual que se aprimorou com o momento pandêmico. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

1. A Associação *Elas Existem* Mulheres Encarceradas é uma Associação feminista interseccional, abolicionista penal, antirracista e que atua em prol da visibilidade das mulheres que se encontram no cárcere, das adolescentes em conflito com a Lei e das mulheres que passaram pelo sistema prisional. Tendo iniciado suas atividades no dia 22 de março de 2016 e atualmente com a participação de dez integrantes.

2. Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário do Tribunal de Justiça do Estado <http://gmf.tjrj.jus.br/entradas-e-saidas-do-sistema-carcerario>

3. É de extrema importância a necessidade de expressar constantemente a informação, ou melhor, a falta de informação acerca dos dados existentes sobre o quantitativo e o efetivo carcerário feminino não abranger todas as mulheres no sistema, somente as mulheres cis.

4. *Amicus Curiae* uma expressão do direito em latim utilizada para que determinadas instituições possam pedir sua habilitação no processo para fornecer subsídios para auxiliar na decisão final do magistrado.

‘Big Brother não nos serve, e Aranha é melhor que Pelé’

POR ISAÍAS DALLE

Nesta chave, ela comenta as polêmicas envolvendo negros participantes do Big Brother Brasil, no início do ano, e também sobre o recém-lançado documentário “Pelé”.

Acompanhe:

Seja bemvinda Iêda. Tudo bem?

Sim, obrigada. Nós estamos aqui neste dia com todo cuidado de ficar em casa por conta da pandemia. Estamos na redução das nossas atividades, mas trabalhando muito, remotamente. Nós estamos bem, mas perdendo muita gente que a gente gosta. Muitos professores sendo vítimas da Covid-19 e a possibilidade de contaminação é muito grande aqui em Goiânia hoje. Nós temos um decreto que diz que muitas cidades precisam parar, mas há ainda a insistência de um comércio que não quer parar. Mas estamos



IÊDA EM 2018 NA CÂMARA FEDERAL, COMEMORAÇÃO AO 40 ANOS DO MNU, EM 2018. FOTO DE MARYANNA OLIVEIRA/AG. CÂMARA

A coordenadora nacional do Movimento Negro Unificado, a educadora Iêda Leal de Souza, fala nesta entrevista à Revista Reconexão Periferias sobre a diferença entre representação e representatividade de pessoas negras em espaços de poder e de visibilidade.

vivos, bem, e querendo a vacina. Fazendo campanha por vacinação sim, com certeza.

Estamos vivos a despeito do governo federal. Iêda, há um debate, que não é exatamente novo, mas ganhou muita força nos últimos meses: a simples

presença de mulheres ou pessoas negras em determinados espaços de poder ou de visibilidade dá conta de contribuir para o avanço da luta antirracista e feminista? E não consigo fugir de uma questão porque ela teve um impacto muito forte recentemente, que é a

presença daquele grupo de pessoas negras no Big Brother. Então eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

Isso só não basta para nós negros e negras organizados no movimento negro. Conversando com a população negra, que é um percentual de 56% da população, não é o suficiente. Mas é um determinante absolutamente bacana da visibilidade, das nossas possibilidades. Então, quando temos a presença de pessoas negras em determinados locais da sociedade, eles servem para uma mudança efetiva. Quando eu tenho um vereador negro, uma negra vereadora ou uma mulher trans vereadora, não estou falando de qualquer um. Falo dessas pessoas ligadas à nossa luta e que tenham certeza da importância delas nesses locais. Falo desses espaços de poder, como é o caso das associações de bairros, conselhos tutelares, das prefeituras – como vereadores, como prefeitos – como chefes de alguns departamentos

importantes para a sociedade, de unidades de saúde, que tenham condição de enxergar a pluralidade, a diversidade do nosso país. Logicamente tendo como ponto focal a questão racial. Não significa só ficar na questão racial, mas tendo esse ponto como referência. Então, essa visibilidade, ela nos dá muitas possibilidades. Porque aí é uma criança negra olhando para um lugar de poder e se enxergando. Então, ela é importante. Não é só essa visibilidade, mas isso já dá para gente condições de continuarmos avançando e termos mais parceiros na luta antirracista, e isso é muito positivo.

A outra questão, e aí eu vou trazer para cá nossa responsabilidade de não fazermos a tarefa de pautar, nas nossas vidas tão sofridas, uma agenda da Rede Globo, que é este reality show, servido para a população brasileira neste momento, um momento de pandemia, momento em que nós deveríamos estar discutindo outras questões. O Brasil

para e observa um programa de TV que serve como cortina de fumaça para nos enganar e traçar caminhos que não são corretos, num lugar onde nós estamos batendo o recorde de mortos, onde temos uma crise sanitária, uma crise do Judiciário, uma crise política, nós temos um presidente negacionista. Aí, quero dizer pra você, Isaías, esta pauta não nos serve. Não condiz com a realidade do povo negro no país. A gente não deveria estar discutindo isso. Querem reduzir a minha ação política no movimento negro em uma vitrine absolutamente desconfortável. Tanto é verdade que tem impactos gravíssimos nas relações humanas. E isso a gente pode até discutir. Mas não é para mim, hoje, de primeira ordem, discutir reality show de uma instituição que não respeita as condições de vida em que o povo brasileiro está envolvido. Nós deveríamos impedir que fosse apresentado neste momento, no meio de tanto dor que estamos sentindo. A população negra é o alvo

preferencial da Covid. Nós não podemos ficar 80 dias em UTI particular, nós não temos plano de saúde. Nós nem conseguimos entrar para nos cuidar.

Eu entendo é que você rejeita a própria realização do reality show, não importando com que componentes for, numa circunstância como esta. Mas eu queria perguntar, se não estivéssemos numa pandemia, o programa seria um pouco menos de mau gosto? E se tivesse sido feito o convite para esse grupo de pessoas negras, ainda assim seria uma armadilha, uma forma de expor as pessoas de maneira maldosa?

Eu acho que um programa dessa natureza é uma exposição cruel dos seres humanos. Eu acho que a gente deveria regular os meios de comunicação para prestar serviços de verdade. Os jogos são importantes, mas eu não posso manipular os sentimentos das pessoas. E isto é um projeto para distorcer os caminhos das relações humanas no mundo.

Me chama a atenção, quando você fala dos espaços de poder, destaca espaços como a coordenação em uma unidade básica de saúde, no atendimento em serviço público. Você não citou cargos como presidência de uma grande corporação, ou um cargo numa emissora de TV. Você apresenta uma visão do que é espaço de poder fora desse automático que a gente tem de pensar poder só como aquela coisa grande, com um grande orçamento. Fale um pouco sobre isso.

Eu acho que é porque são esses espaços em que nós estamos muito em contato com a comunidade. A comunidade vai ao centro de saúde, à escola, e a presença de pessoas negras nesses espaços é fundamental. Não estou querendo dizer que não quero ver uma mulher negra subindo a rampa do Planalto. Quero estar viva para que isso aconteça. Mas essas percepções de locais pra gente poder ocupar, são todos. É importante. Eu tenho uma

lista de mulheres negras que são empreendedoras, e eu adoro. Eu sempre consigo descobrir que sempre tem alguém que faz alguma coisa e a gente tem que consumir dessa mulher. Ela faz bombom, ela é a dona da fábrica do bombom. Então, se a gente quer comprar pra dar de presente, a gente faz isso. Eu quero comprar bonecas, então eu compro da mulher negra que fabrica, a Lúcia Makena, que é avó da Mc Soffia. A gente precisa entender que todos os espaços são importantes no comando, mas os espaços em que estou mais próximo da comunidade, isso me dá o prazer imediato de ver que ali no centro de saúde tem uma mulher negra sendo a chefe, que na direção da escola é uma mulher negra que comanda. Eu fui diretora de escola, então eu sei o que é observar no rosto de crianças negras, absolutamente sem as condições materiais objetivas de sobreviver, o quanto elas se surpreendiam quando descobriam que a diretora daquela escola que

eles faziam parte era uma mulher negra. Eu sabia perfeitamente o quanto para mim também era importante que elas tivessem um reflexo na minha pessoa, porque poderiam confiar. E a relação de confiança faz com que as pessoas cresçam mais nesse espaço educacional. A negrada chegou na universidade, os cabelos crespos, as cotas raciais. Realidade. Eu acho que agora está na hora de a gente não só entrar nas cotas, mas concluímos os nossos cursos, passar a sermos professores universitários e ocupar os departamentos; aí sim nós estaremos com certeza fazendo gradativamente a nossa representatividade. Nós estamos entrando,

alguns não ficarão, outros ficarão, outros se tornarão cientistas, publicarão livros, mas nós precisamos assumir a reitoria. Nós precisamos assumir o governo do estado, a prefeitura, os cargos de vereança. Nos bancos, quando eu chego e deparo com negros fazendo a segurança, mas deparo também com a gerente, uma mulher, um homem, mandando naquele espaço, me dá orgulho. Quando eu clico na televisão e vejo que tem alguém falando, dando a notícia, e é um ser humano negro, é um homem negro, é uma mulher negra, é um jovem negro, é um momento de reconhecimento e de perceber que eu posso também.

Eu queria insistir um pouco sobre isso, para falar de algumas pessoas negras que chegam em alguns espaços e acabam representando uma decepção e uma grande oportunidade para a crítica dos racistas. Não vou citar nomes, mas há um vereador aqui em São Paulo por exemplo que é absolutamente da direita, e tem uma mensagem racista. Tem o presidente da Fundação Palmares. Isso acontece por falta de formação política? A segunda pergunta é: por que a cobrança é tão pesada sobre os negros quando esse tipo de coisa acontece, e essa cobrança não é feita sobre os brancos, ninguém vai lá entrevistar um sociólogo branco para perguntar por que um branco está fazendo coisas ruins, absurdas? Como você avalia essas reações?

Todas resultado de uma herança racista. Um conjunto que eles associam para justificar a existência desse projeto, do machismo, do racismo, da lgtbfobia, das teorias em que eles têm,



ÍEDA EM MANIFESTAÇÃO DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE GOIÁS. ELA FOI DIRIGENTE DO SINDICATO LOCAL DA CATEGORIA E DA CUT-GO. CRÉDITO: SINTEGO

que eles comprovam, eles estão sempre vendo, estão sempre certos – "cotas é um absurdo", "racismo não existe", essas teorias todas muito bem organizadas. Vamos pegar esse vereador da cidade de São Paulo: ele vem prestando um desserviço para nós negros, mas ele presta um serviço absolutamente competente para essa elite racista que domina o país, e ele se envolve de uma forma tão violenta que acredita estar certo. A relação de dominação é muito forte. E ele estudou para isso, ele tem teorias para isso. Aliás, ele sobe no púlpito e nos combate violentamente, e os brancos avisados e organizados para perpetuar o racismo no país, batem palma para ele. Ele serve muito mais ao capital, aos brancos, aos homens héteros, né. Ele acha que está certo. Como o racismo é um crime perfeito. Eu sempre digo isso. É preciso compreender, e essa compreensão do racismo dá mais força para lutar com mais vontade para que a gente possa ter o número menor de pessoas fazendo

isso. Dói muito. Mas aí eu acordo e vou procurar Benedita da Silva, vou procurar Vicentinho, vou procurar Lélia Gonzalez, vou procurar Conceição Evaristo, acordo e vou procurar Luiza Bairros, que vão nos dar caminhos para nos livrar dessas coisas que o racismo na estrutura faz tão bem. Então a destruição dessa estrutura racista nesse país tem de ser para nós uma tarefa muito correta e tem que ser sistematicamente. Nós precisamos estudar o discurso dessas pessoas e oferecer para nosso povo mais simples outro caminho que não seja o de abaixar a cabeça e ser o capitão do mato e fazer um discurso absolutamente contrário a tudo o que pensamos. E aí não sai da boca de um branco, sai da boca de um negro e nos causa mais sofrimento. Mas nós vamos conseguir.

Você dizia que o racismo é um crime perfeito e aí me ocorreu que o capitalismo é um crime perfeito, porque a gente vê o oprimido sonhando

em ser o opressor. Mas isso não quer dizer que o crime não possa ser desvendado.

A gente podia dizer assim: o racismo é quase um crime perfeito.

E falando em capitalismo, a gente sabe que a direita e o poder econômico sempre se apropriam de bandeiras justas e legítimas, quando percebem que naquilo eles podem criar um produto, uma mercadoria, um filão de mercado que possa gerar lucro. Como lidar com isso e dar um drible nessa voracidade do mercado que quer transformar tudo em mercadoria, como fizeram em muitos aspectos com a luta das mulheres e procuram neste momento fazer, suponho eu, com alguns aspectos da luta antirracista?

Há uma pesquisa de 2019, e eu li recentemente, é o quanto eles começaram a perceber que nós negros consumimos, compramos, e não é uma quantidade pouca, não. Claro, no momento mui-

tos estão desempregados. Nós temos uma posição de que se eu não me vejo, eu não compro. Isso era uma das coisas que nós mulheres negras desenvolvemos: eu chego numa loja que não tem nada que possa parecer com a população negra no país, eu não me vejo, não compro. Eu estou falando das mulheres negras porque nós pegamos muito isso para gente: das nossas roupas, das maquiagens, tudo isso eles pesquisaram, descobriram. Essa pesquisa que eu li mostra que nós consumimos 20% de tudo o que se consome no país. E nós estamos exigindo qualidade, porque outra coisa é fazer um produto e ele não dar certo com minha pele ou com meu cabelo. Então não é só colocar um desenho. Eu me lembro na questão do livro didático, disseram que ia ter todo um trabalho de olhar político, racial, dentro dos livros didáticos, porque o conteúdo racial não era adequado. Muitos livros foram tirados de circulação, outros o MEC debruçou e fez



LIÊDA COM ANGELA DAVIS, NA PASSAGEM DA ATIVISTA PELO BRASIL EM 2019. CRÉDITO: CUT-GO

uma conversa. Aí o que aconteceu? Alguns pegaram e mudaram a capa. A capa eram crianças negras, mas o conteúdo absolutamente intocado. Então não basta colocar só um rótulo e dizer: consumam. Talvez seja esse o nosso grande drible. Nós temos de educar o mercado. Algumas marcas internacionalmente conhecidas usam, aqui no Brasil, critérios de seleção diferentes dos usados nos Estados Unidos e alguns países da Europa, porque sabem que lá vai existir cobrança. Aqui a seleção é feita de qualquer forma e não há questionamentos. Nós precisamos continuar educando nosso povo para essa cobrança.

liêda, a gente falava em drible agora há pouco e

eu queria, a partir dessa metáfora futebolística, perguntar se você assistiu o documentário recém-lançado chamado "Pelé". O que você achou do documentário, feito por dois ingleses? Além de mostrarem a genialidade do Pelé, ele também é confrontado com a sua postura leniente com o regime militar e uma das comparações feitas ali é com o Muhammad Ali. O Muhammad Ali teve acesso a uma formação política e aquilo transformou a cabeça dele. Não sei se o Pelé teve. O que você achou do documentário e o que você acha da própria figura do Pelé?

Li uma biografia do Pelé escrita pela jovem Angélica Basthi e um filme que

foi lançado, não vi esse documentário. Você me pergunta se eu gosto do Pelé. Vou te contar que quando eu fui à África do Sul, as pessoas descobriram que eu era do Brasil, e perguntavam assim: Pelé, o rei do futebol. A palavra, o nome, conhecidíssimo. Mas elas disseram outro nome: Lula. Eu fiquei maravilhada. Para nós, do movimento negro, num momento em que o país queria dizer que não havia racismo no Brasil, usaram muito a figura do Pelé. Parece que o sistema criava o tempo todo esse país onde não existia racismo. Se a gente pegar o histórico do Pelé, esse jovem que aos 17 anos foi apresentado ao mundo, da genialidade nós não temos dúvidas. Com o livro da Angélica eu entendi muitos pedaços da vida de Edson Arantes. Mais uma vez eu vou me reportar ao quanto a sociedade brasileira se comporta nessa conjunção de fazer com que nós negros percamos a humanidade, a visão, o enxergar do outro lado. Mas o Pelé é um gênio.

Mas eu acho que ele só serviu para esta sociedade para colocar esse jogo, porque ele nega o racismo. E isso nos incomoda muito. Mesmo diante dos fatos, ele não percebe o quanto aquilo tem uma proporção do racismo.

E aí do regime militar e autoritário, eu digo para você: tinha que temer. Talvez seja o sentimento mais profundo e real de uma pessoa. Quem não poderia temer aquilo? Então, para mim, era muito do medo e de não saber dar as respostas. Qual é a formação, quais foram as escolas, qual é a militância desse jovem? Ele se organizou para ser jogador, e o melhor jogador de futebol do mundo, mas não podemos negar que a performance de combate ao racismo deste homem, infelizmente para nós, tem um outro conteúdo. A gente precisa compreender e dizer que não é esta a linha. Mas eu queria muito poder pedir licença para dizer que hoje não é necessário a gente usar o Pelé para discutir a questão racial.

Nós podemos nos agarrar ao Aranha, nós podemos trazer o Daniel Alves. (Aranha era goleiro do Santos quando, numa partida contra o Grêmio em agosto de 2014, foi chamado de “macaco” pela torcida adversária e protestou publicamente. Daniel Alves jogava pelo Barcelona quando foi atirada uma banana contra ele, em abril de 2014. Daniel comeu a banana, em protesto).

Eu preciso entender esse ser humano chamado Pelé. Ele foi em determinado momento usado pela própria estrutura do governo para dizer que não existia racismo. Mas eu posso dizer das lembranças que eu tenho, das narrativas que meu pai dizia: o Brasil joga contra a Áustria, 11 jogadores, um negro. No terceiro jogo, a comissão técnica decide chamar os melhores, aí entram em campo Pelé, Garrincha, todos os que a gente conhece na história. Antes disso, tem todo um cunho racial, racista, de servir para o mundo aquilo que o Brasil queria

vender, a democracia racial e de que éramos um país de maioria branca. Naquele momento, aqueles jovens não sabiam disso, mas a história conta. Ele e Garrincha, aliás, uma história vitoriosa de homens negros absolutamente vítimas do racismo estrutural, vítimas de uma comissão técnica racista. Houve um momento em que o Pelé foi uma referência, hoje ele não é mais. Hoje, nossa referência é o Aranha.

E lembrando que o Movimento Negro Unificado surgiu em 1978, o ano em que o Pelé se aposentou. E aí tem uma linha de tempo, como você falou, e como o ativismo, o movimento negro, vai construindo toda uma coisa fora e dentro do esporte e que vai fazendo o mundo avançar, um exemplo que tem mais peso no comportamento dos jogadores do que o exemplo do maior jogador de todos os tempos.

Você falou do Muhammad Ali. Ele

disse: "Eu não vou pra guerra, então me prendam". Não é só pra gente comparar. Existe toda uma compreensão do movimento negro educador que dá essa possibilidade de as pessoas fazerem uma reflexão e dizer na boca de um grande ídolo: "É racismo, eu estou sendo vítima de racismo". Sábedores da nossa história e do crime que representa o racismo, eu me manifesto. Talvez seja um diferencial, e nós vamos continuar. Temos uma televisão que não tem mais coragem de pintar alguém de preto para poder fazer um personagem negro. É um caminhar.

Você quer acrescentar algo?

Eu queria registrar nesse mês de março que as mulheres negras são vítimas de uma grande violência política no nosso país. Registrar sempre a articulação das mulheres negras. Nós perdemos nossos filhos, nossos companheiros, nossas companheiras, pra todas as formas de violência. Nós assistimos a uma população

morrer de fome. A gente vai sempre na direção da proteção da vida, e eu queria registrar isso. Relembrando algumas mulheres muito importantes. Mas eu queria dizer que nesse momento é necessário que a gente crie um clima de proteção à vida das mulheres neste país contra todo o tipo de violência. Temos que nos manter vivas, unidas e organizadas. ■

A Mulher Negra Mirandiba e a educação

MARIA JOSÉ DE SOUZA SILVA, ALINE MARIA DA SILVA E ANGELA MARIA DOS SANTOS SCHEPP

MARIA JOSÉ DE SOUZA

SILVA É NATURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FEIJÃO E POSSE (PE). FORMADA EM PEDAGOGIA E PÓS-GRADUANDA EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE EM EDUCAÇÃO ESPECIAL PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE PERNAMBUCO (FACESP).

ALINE MARIA DA SILVA

É NATURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA PEDRA DO AMOLAR, MIRANDIBA (PE), GRADUADA EM SERVIÇO SOCIAL, PÓS-GRADUADA EM POLÍTICAS PÚBLICAS COM ÊNFASE EM SAÚDE/AEG CONSULTORIA; CONTRIBUIU NA ELABORAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DE MIRANDIBA (PE).

ANGELA MARIA DOS SANTOS SCHEPP

É NATURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA PAU DE LEITE, MIRANDIBA (PE). FORMADA EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA COM ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA PELA UNIVERSIDADE DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

MARÇO 2021

REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS

14

...“as mulheres negras ocupam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, o chamado terceiro espaço, um tipo de vácuo de apagamento e contradição em um mundo polarizado em negros de um lado e mulheres de outro”. Djamila Ribeiro¹

A história da mulher negra em Mirandiba se torna semelhante à da própria formação do povo brasileiro. Com recorte para o Nordeste, está relacionada a migração, escravidão, opressão e liberdade. Não se pode dizer que está nesta mesma ordem, mas acreditamos que muitos outros fatores poderiam ser trazidos para falar da mulher negra. Sua essencialidade nasce após sair dos engenhos de cana-de-açúcar na região da zona canavieira de Pernambuco. Nunca sentiu o sentido de liberdade, até chegar aos sertões, mais exatamente ao interior do interior de Mirandiba (PE). Ao chegar a terras distantes, trazia na sua bagagem a sabedoria ancestral: reza-

deira, parteira, semeadora, colhedora e artesã.

Nossas cidades foram erguidas pela sua força de trabalho mal-remunerado. Um dos maiores feitos na história da Negra Mirandiba foi a liderança de uma das mulheres mais fortes do nosso sertão, a Negra Mirandiba, que, como muitos negros, teve expropriados seu nome, sua história, seu lugar, sua família, passando assim a ser conhecida como A Mulher Negra Mirandiba:

“Aqui pertencia a uma tribo de caboclos. Em 1815 tinha uma cabocla véia que mandava em Queixada – isto está nos livros de tombo, no cartório de Flores – o nome dela era Mirandiba. Isto

foi no tempo dos Umás. Umã era o caboclo velho que mandava na serra dos Umã. No Brejo do Gama era o chefe Gama. Isso antes de tudo, antes de ser fazenda. (VITORINO, 02 de setembro de 2009)”²

É tão pouco o que temos escrito sobre ela, mas sabemos que essa mulher era uma das maiores lideranças dos povos negros que aqui chegavam, organizada em gestão de pessoas e organização territorial.

Muitas pessoas adentraram os sertões, chegando até ela, eram acolhidas e se aglomeravam aos pés da serra dos Umás, formando assim uma legião de população negra, essa expressão é retrato da nossa realidade atual, na qual, a cada dez pessoas,

nove são negras. Esses povos moravam em locais distantes, de difícil acesso e que muitas vezes só eles conseguiam sabiam o caminho para chegar.

Nessas grandes viagens sertão adentro, em locais isolados e bem distantes das aglomerações, caminharam por mais de 550 km e começaram a erguer um grande povoado com moradias de taipa, cobertas com palha de catolé. Segundo os poucos registros, ela reunia todos para a tomada das maiores decisões da vida desses povos coletivamente e assim se denominavam os primeiros conceitos de Quilombo.

Nessa jornada, esses povos nunca mais na suas vidas seriam escravos novamente, pois o sentido de liberdade já estava enraizado na alma desse povo. Mirandiba Também é uma cidade do sertão pernambucano que traz em suas origens um número expressivo de população negra, tanto que muitas organizações sociais a denominam de “cidade quilombola”, por estar cercada de comuni-

dades auto-reconhecidas e de posse da certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares.

Nosso povo carrega na sua essência a liberdade da nossa ancestral Mulher Negra Mirandiba, sua história e sua memória estão enraizadas nesse território, como uma gigantesca árvore da vida do povo negro de Mirandiba. Sua genealogia de mulher fez história? Claro que sim, estamos aqui nós mulheres Mirandibenses, e as mulheres negras que lutam por dias melhores desde a chegada dos nossos ancestrais. Sua vida nos remete à sabedoria de conhecer a

todos como seus iguais, amar ao outro como a si mesmo, zelar e preservar o que se tem como conquistas a cada dia: imagino as festas, à noite, para contar história, as mortes dos anciãos, o nascimento de crianças que anunciava a boa nova, os rituais dos festejos, as danças, as comidas, as canções de ninar. Se esse povo tivesse sido estudado, hoje teríamos muitos exemplares de sua cultura, suas relações sociais forjadas em outro mundo e em outra vida em um país diferente do seu originário.

Durante a escrita dessa matéria poderiam dizer:



FOTO: DIVULGAÇÃO

quando que elas vão falar de educação? Ora, ora. Tudo isso que falamos acima é educação, mas algumas pessoas acham que educação é simplesmente falar de professor, escola ou aluno? Não! Falar das populações do campo, suas vivências e suas relações sociais, também é falar sobre educar. Para tanto, devo dizer que naquela época a escola não se tinha, direito de estudar também não. Alunos, muitos, e ainda temos, pois até hoje há uma população que está envelhecendo e que ainda não é alfabetizada. Claro, grande parte dela são as mulheres, que forjaram no trabalho da roça, desde seus antepassados, e ainda permanecem culturalmente na mesma atividade. Muitas até iniciaram os estudos e depois pararam por priorizarem seus filhos, casamentos, trabalho na roça.

Quando pensamos em educação após a falsa abolição, afirmamos que a educação não foi pensada de forma inclusiva para a população negra e muito menos

para as mulheres negras. A abolição aconteceu de forma excludente que marginalizou toda essa população pela sua “cor da pele”. Muitas são as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na luta pela sua liberdade e pela garantia de direitos. Sabemos da contribuição expressiva das mulheres em vários aspectos: como os aspectos econômicos, sociais, culturais e de desenvolvimento humano; apesar de a mulher ainda não ocupar espaços expressivos de “poder de fala” junto à sociedade, é importante dizer que algumas conquistas desses direitos das mulheres se concretizaram a partir das reivindicações feitas ainda no século 18 e início do século 19. Contudo, quando contextualizamos essas conquistas para as mulheres negras, a realidade permanece recheada de desigualdades e descaso aos direitos básicos como: saúde, educação, habitação, emprego e renda. Segundo Carolina de Jesus “Quem escreve pode passar fome de comida, mas tem o pão da sabedoria e pode

gritar com suas palavras”³.

A história da educação no município ainda é vista como “Escola de coronéis”⁴, local em que estudavam apenas brancos e alguns negros oriundos das cozinhas das casas grandes. Vale salientar que a maioria dessas profissionais eram professoras sem formação acadêmica para o cargo. Nos dias atuais, as mulheres vêm se destacando, ocupando vários espaços na cidade, mesmo que, timidamente, assumindo cargos nos sindicatos, associações, em cursos de mestrado e doutorado, advogadas, assistentes sociais, pedagogas, historiadoras, geógrafas, técnicas, enfermeiras, psicopedagogas e médicas. Para tanto, a pandemia só agravou uma desigualdade, que é histórica, a pandemia só potencializou as desigualdades: bem como também o machismo e o racismo estrutural. Pensar sobre a mulher negra e o impacto da Covid-19 é necessariamente pensar na própria estrutura do Brasil e como a mulher

negra vem sendo posta nesse contexto. Qual é lugar que lhe é dado dentro desse processo histórico?

Portanto, nesse contexto, a responsabilidade de educar sempre esteve posta como um dever da mulher, educar nas atividades domésticas, na organização de material didático e tarefas escolas. Além da situação agravante da pouca escolaridade, na qual essas mulheres, na maioria das vezes, não têm conhecimento científico, e, muitas vezes, reproduziram um discurso machista de que “mulher não precisa ir à escola”! Dentro dos quilombos, a educação respeita a forma de organização social, as relações sociais, as lideranças, a religião, a cultura, suas memórias ancestrais, sua medicina natural. Assim se define a

territorialidade.

Nossos idosos são a memória viva dos nossos ancestrais, nosso maior patrimônio cultural e têm um papel importantíssimo nessa tarefa de educar o seu povo. E que a escola formal deve respeitar esses conhecimentos milenares e valorizar de forma efetiva e participativa como protagonismo do povo negro. Além de terem menos espaço no mercado de trabalho, as mulheres enfrentam ainda outro problema: a dupla jornada. Algumas mulheres que conseguiram furar a ordem social no seu contexto, e essas conseguiram estudar e criar vínculo com a hegemonia política e ser agregada na ordem social, mas ainda são menosprezadas pelo próprio sistema de organização social. Essas mulheres junto com as

outras criam estratégias de garantia de direitos.

Atualmente temos projetos com a Casa da Mulher, de quintais produtivos e construção de fogões de lenha; também construímos junto à Caixa/PNHR em torno de 150 moradias populares e, ainda no final de 2020, elaboramos e aprovamos junto à Câmara dos Vereadores um dos maiores passos na garantia da Educação Escola Quilombola, que são as Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola de Mirandiba. Está provado que cada mulher carrega, em si, sua ancestralidade, com os valores da liberdade de um povo. ■

1. RIBEIRO, Djamilá. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

2. II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico | I Encontro Nacional de Geografia Histórica, 05 a 10 de novembro de 2012; Título: História Territorial e Identidade Étnica em Mirandiba / PE, Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira; Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ.

3. _____. Quarto de despejo – Diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.

4. escola de coronéis: são estabelecimentos que eram construídos nas fazendas para as filhas desses senhores serem as professorinhas.

ONG Mulheres da Luz promove direitos de pessoas em situação de prostituição

POR ROSE SILVA

FOTO: DIVULGAÇÃO



A ONG Associação Agentes da Cidadania - Mulheres da Luz é um coletivo que busca promover a cidadania e a garantia de direitos humanos das mulheres em situação de prostituição do Parque da Luz e entornos. Desde 2013, realiza atividades relacionadas às áreas de educação e cultura, além da promoção de saúde e bem-estar social.

As mulheres acompanhadas pelo coletivo possuem baixa escolaridade e dificuldade de acesso às políticas públicas. O objetivo é inseri-las no mercado de trabalho formal e promover geração de renda. Em sua grande maioria, as mulheres atendidas são negras e pardas, com mais de 40 anos,

moradoras de regiões periféricas da cidade.

A instituição foi fundada em 2013 por Cleone Santos, que assumiu recentemente a pasta da Secretaria da Mulher na prefeitura de Diadema, e pela freira Regina Célia Coradin, integrante da ordem passionista

São Paulo da Cruz, que trabalha com auxílio a mulheres em situação de vulnerabilidade.

Cleone trabalhou por 18 anos como prostituta no parque da Luz e foi sindicalista nos tempos de fábrica. Ela ficou solteira, com três filhos para criar. Uma vez, sentada e lendo

no parque, veio um homem e perguntou se fazia programa. Esse homem insistia toda vez que ela voltava para o local. Um dia aceitou. Depois de algumas vezes, percebeu que ganhava cinco vezes mais do que no seu trabalho. Foi a transição de militante sindical para uma mulher em situação de prostituição.

Uma das ações mais importantes do Coletivo Mulheres da Luz é levar a pauta da prostituição para o público geral. Por isso, são realizadas palestras, rodas de conversas, encontros, lançamentos de livros, entre outras atividades. A ideia da ONG é levantar uma bandeira e colocar o tema na agenda da cidade e das formadoras de opinião. Outro objetivo é quebrar o estigma e o estereótipo que está associado às mulheres em situação de prostituição, diminuindo preconceitos e reforçando questões identitárias e de gênero. Além de dar visibilidade à causa, estes eventos também são um espaço para discutir o

acesso de direitos como aposentadoria, moradia e saúde pública.

De 2013 a 2017 a ONG fez um trabalho de assistência jurídica, oferecido por uma advogada voluntária, e esta atividade recomeçou em 2019, com um atendimento semanal feito por outra advogada voluntária. A ideia é criar um canal para orientar sobre demandas jurídicas da mulheres que integram o coletivo. Entre os principais temas das consultas são como conseguir benefícios junto ao INSS e a Previdência Social, a busca por direitos trabalhistas e o apoio nas questões relativas à violência contra a mulher.

Acolhimento e saúde

O acolhimento é a primeira etapa do atendimento das mulheres. Acontece todos os dias, com exceção das segundas-feiras e os domingos. É uma forma de a ONG ter portas abertas para um primeiro contato, e, por meio de escuta e conver-

Uma das ações mais importantes do Coletivo Mulheres da Luz é levar a pauta da prostituição para o público geral. Por isso, são realizadas palestras, rodas de conversas, encontros, lançamentos de livros, entre outras atividades

sa, criar um momento de confiança e vínculo com elas. Além da escuta, o acolhimento também é uma hora para reconhecer o protagonismo delas, buscar a resolução de problemas e realizar uma troca de saberes. É também no acolhimento que é feito um cadastro das mulheres, que atualmente conta com 200 nomes.

A saúde das mulheres sempre esteve na pauta do Coletivo. Ao longo de seis anos foram realizadas palestras, oficinas e cursos que abordam o assunto. Em 2018, iniciou uma parceria com a Uninove,

A ideia da ONG é levantar uma bandeira e colocar o tema na agenda da cidade e das formadoras de opinião. Outro objetivo é quebrar o estigma e o estereótipo que está associado às mulheres em situação de prostituição, diminuindo preconceitos e reforçando questões identitárias e de gênero.

que disponibiliza para a ONG alunos e professores voluntários. Foi criado

um calendário conjunto e todos os meses são realizadas ações sobre saúde bucal, saúde da mulher, fisioterapia e nutrição. Por meio da parceria, também é feita uma triagem e encaminhamento para oftalmologista. A Uninove também disponibiliza um médico da família e serviços de psiquiatria.

Ainda em 2018, a ONG Mulheres da Luz passou a contar com psicólogos voluntários. O atendimento é semanal, realizado às quintas e sextas-feiras. Este processo de psicoterapia com as mulheres é também um espaço de escuta para os problemas e questões delas. Cada sessão dura em torno de 40 minutos e este é um dos

serviços mais utilizados por mulheres que buscam este tipo de auxílio.

Cursos e Oficinas

O coletivo realiza diversas ações para promover o bem-estar e prover outras formas de renda para as mulheres da região da Luz e do entorno. Uma das formas de atingir este objetivo é a promoção de cursos e oficinas sobre temas variados. Esse serviço é feito em parceria com outras instituições como a Casa do Povo, Casa Amarela ou Museu do Imigrante.

Um curso popular é de o Corte e Costura. Nele, a ONG reúne um grupo de cerca de 15 mulheres e

FUNDADORAS DA ONG MULHERES DE LUZ - CLEONE SANTOS E REGINA CÉLIA CORADIN



encaminha para a instituição parceira. As mulheres já tiveram aulas de crochê, costura, artesanato, jeans, bordado ou pintura em tecido. Por meio dessa capacitação, elas conseguem complementar a renda ou buscar outro ofício.

O coletivo realiza ação de alfabetização, letração e aulas de português para as mulheres. O curso é oferecido na sede da ONG no Parque da Luz. As aulas são particulares ou em grupo. A iniciativa é uma forma de modificar a vida das mulheres por meio de uma educação inclusiva e popular. As professoras voluntárias seguem uma metodologia do Educação de Jovens e Adultos (EJA), proporcionando acesso à educação para quem não teve oportunidades na escola convencional. A ideia é pensar em novas formas de aprendizado para a mulheres da região do Parque da Luz e do entorno.

Uma das ações feitas com as mulheres é promover o acesso às políticas públi-

cas. Já foram firmadas parcerias com a rede de saúde pública, bem como o encaminhamento para a Previdência Social, em especial o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e o Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Este último garante um salário mínimo para idosas. Ao longo de seis anos, a ONG conseguiu ainda abrir um canal de diálogo com a Prefeitura, com a cessão do espaço para a sede da ONG, além de projetos e discussões conjuntas.

Trabalho de campo

Além das atividades realizadas na sede da ONG no Parque da Luz, o coletivo também promove um trabalho de campo, em alguns casos, até no período noturno. Nestas ações, voluntárias e voluntários abordam mulheres em situação de prostituição nas regiões da Liberdade, Sé e no Parque Dom Pedro, com parceria do SAE Campos Elíseos. Na conversa, é explicada a história da ONG e sua

missão. Abre-se ainda um canal de escuta para as demandas das mulheres e fala-se detalhadamente sobre temas como educação sexual, prevenção contra DST, além da distribuição de preservativos. A ação tem o apoio do o Serviço de Assistência Especializada (SAE) de Campos Elíseos e do Projeto Tudo de Bom, um programa de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis da Prefeitura de São Paulo. ■

Quando novos atores entram em cena*

CAROL DARTORA, VEREADORA PELO PT EM CURITIBA (PR)



FOTO: DIVULGAÇÃO

Primeira vereadora negra da história da capital do Paraná, Ana Carolina Dartora é feminista negra, historiadora, especializada em ensino de Filosofia, mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É também secretária da Mulher Trabalhadora e Direitos LGBTI da APP Sindicato do Paraná, que representa os educadores e educadoras da rede pública. Aos 37 anos, também é militante da Marcha Mundial das Mulheres e do movimento negro, casada, sem filhos.

Carol denunciou publicamente que vinha recebendo ameaças de morte logo após sua eleição. Mas, na entrevista a seguir, não destaca este momento

como o principal desta jornada parlamentar recém-iniciada.

Quais são seus planos para o mandato?

Realizar um mandato popular participativo, caracterizado pela participação da sociedade na construção coletiva das propostas e ações, trabalhando com

a perspectiva política de promoção humana, formulação de políticas públicas que visem o combate às desigualdades sociais de gênero, raça e classe na cidade de Curitiba, que leve à democracia com justiça social, assim como promover reeducação social.

Entre esses planos, qual a prioridade, qual considera a demanda mais urgente da sua cidade?

Precisamos ter nas políticas públicas o olhar do feminismo, do antirracismo e do anticapitalismo, essa é a maior demanda hoje na administração pública, indispensável para nosso projeto de desenvolvimento.

Por que você decidiu ser parlamentar? Como iniciou sua atividade política?

Não decidi ser parlamentar, decidi ser professora, esse foi o início da minha atuação política contra as desigualdades impostas em nossa sociedade que é racista, machista e classista. Agir em prol da formação de consciências capazes para o exercício

pleno da cidadania é meu maior fazer político. Por meio das lutas por educação pública de qualidade, igualdade das mulheres e contra o racismo, percebi a exclusão das mulheres negras nos espaços de decisão, percebi também que sem a nossa presença a democracia jamais se efetivará, então coloquei meu nome à disposição para a disputa aqui em Curitiba e fui eleita a primeira vereadora negra da história da cidade, assim me tornei parlamentar.

Qual o segmento social que você acredita que vai te apoiar no mandato?

Mulheres, negras, negros e diversos segmentos de trabalhadores organizados e não organizados.

Em comparação com os parlamentares mais experientes, que novidade você quer apresentar na sua forma de trabalho?

A formulação de políticas públicas mais sensíveis à diversidade da população curitibana, assim como a vocação formativa para a educação política e combate à despolitização,

com linguagem contextualizada ao momento histórico.

Como é ser uma vereadora em sua cidade? Conte-nos um episódio recente que tenha te marcado, positiva ou negativamente.

O episódio mais marcante em ser uma vereadora negra em Curitiba foi conseguir transformar um sentimento coletivo, muito forte na cidade, em ação política. Curitiba é segregada sócio-espacialmente, todo mundo sabe, todo mundo vê, mas até então isso não tinha se tornado uma pauta política. Devido a esta sensibilidade fui a terceira vereadora mais votada em Curitiba.

O que você diria para os jovens que pensam em seguir carreira política?

Seja a mudança que você quer ver no mundo. ■

*esta seção é inspirada em livro de mesmo nome, escrito por Eder Sader e lançado pela primeira vez em 1988

Arquimedes da Silva Machado e o Sarau Itinerante



Nascido no início da década de 1980, no bairro do Monte Serrat, morro que abriga a padroeira da cidade de Santos, na primeira década dos anos 2000 criou, junto com Alex Menezes e o primo João Vitor, o Projeto Monte Serrat Futsal, onde foi um dos treinadores voluntários. Em março de 2017, Arquimedes assumiu a presidência da Sociedade de Melhoramentos do Monte Serrat, com doze diretores, apoiado por mais oitenta sócios. Em 2021, prestes a concluir junto à comunidade do Monte Serrat a reforma da sede de melhoramentos, as palavras de Arquimedes: eu sou um entusiasta do Monte Serrat, meu grande amor!

O Sarau Itinerante é vivo e vem levando a provocação poética há quase

dez anos, incluindo além da poesia, a música, a folia de reis, a capoeira, o jongo e a terapia das palavras, do desabafo, da escrita e das intervenções. O Sarau Itinerante esteve presente em diversos eventos, como samba da democracia, festa cigana de Santa Sara Kali, algumas Faculdades e escolas de Santos, Associação Cultural José Martí, Sindicatos, ocupações de escolas, Santos Jazz Festival, Teatro Guarani, Sesc Santos, Associação de Capoeira Monte Serrat e outros espaços de resistência, como Buracos, Casa do Cordel em Guarulhos, Fundação Casa, Quermesse do Instituto Novos Sonhos no Guarujá, Festival Elos no morro Nova Cintra. O Sarau Itinerante levou, além das letras provocativas, a articulação de quebrada, somando e ligando as histórias de ser humano a ser humano.

Atividade Sinistra

Sinto cheiro de suor,
Geralmente a noite
Quando subo o morro só,
Vários malucos desenfreados,
Sobem e descem na busca do pó.

Sinto cheiro de suor,
Às vezes também pela manhã,
Quando desço pra trampar,
O embrulho é pior.
De jejum bem cedinho,
Geralmente desço só.

Veiz ou outra tem boa noite,
Tem licença, tem desculpa,
Tem silêncio e tristeza.
Uma pressa impaciente,
Na subida que é uma dureza.

Veiz ou outra tem bom dia,
Tem ajuda, tem surra,
Tem funk e simpatia.
O consumo mal educado,
Uma raiva de agonia.

Tem criança, adolescente,
Adulto e idoso.
Tem bandido, ladrão,
Prostituta e travesti.
Tudo isso me faz curioso,



Qual propaganda que os
Trouxeram aqui.

Se é da boa ou é da ruim,
Mas o que mata é a escada.
Cansa na subida?
Cansa na descida?
E a droga é degustada.

Morador é abordado,
Nem sempre pela polícia,
Você fica incomodado,
É o corre, atividade sinistra.

Morador é abordado,
Agora sim pela polícia,
Tem seu corpo revistado,
Fuçam até sua marmitta.

Sinto cheiro de suor,
Como droga me entorpeceu,
Reparei bem direitinho,
Que o cheiro de sovaco era meu.

Arquimedes Machado

Facebook: Arquimedes Machado e Sarau Itinerante
Instagram: @arquimedesmachado @sarauitinerante13
Whatsapp: 13 99812-0402

Samba das Pretas

No dia internacional das mulheres, um grupo delas, artistas do segmento da música, especialmente do samba, tomou a iniciativa de realizar uma roda de samba virtual para prestar uma bela homenagem a uma das mais importantes estrelas do samba gaúcho. Com três discos gravados e mais de 200 composições autorais, Zilah tinha origem humilde e, nascida de uma família pobre, tinha a sua própria luz para brilhar nos palcos. Aos 10 anos de idade estudava música erudita e por 11 anos foi orientada pelo maestro Roberto Eggers, quando desenvolveu sua técnica artística.

Nos anos 1960 percorreu diversas cidades e realizou uma turnê internacional pela Argentina acompanhando a orquestra de outro importante maestro, Délcio Veira. Participou de festivais de rádio e foi até substituta de Elis Regina na rádio gaúcha, outra cantora gaúcha de enorme sucesso que se apresentava no programa de Maurício Sirotsky na emissora.

Sua passagem pelo Rio de Janeiro lhe rendeu um disco gravado em 1980 e fazia do seu repertório com interpretações memoráveis das composições de outro gaúcho famoso na época, Lupicínio Rodrigues.

De volta para Porto Alegre, Zilah Machado continuou sua carreira apresentando-se em vários eventos



IRMÃS VIDAL

e palcos pelo interior e capital gaúcha, chegando a receber em 2010 o “Prêmio Açorianos” pelo conjunto de sua obra, um dos maiores prêmios de reconhecimento artístico do estado.

Em janeiro de 2011, a diva do samba e das músicas de “dor de cotovelo”, patrocinadas por Lupicínio Rodrigues, nos deixava para brilhar em outro palco, tornando-se mais uma estrela na grande constelação do universo musical.

Toda essa obra e memória musical de Zilah Machado foi lembrada pelo



AS IAIÁ

repertório apresentado na live do projeto *Roda de samba das pretas* com a participação das artistas Haydée Guedes, Marta Vidal, Conceição Vidal, Guáira Soares, Julia 7 cordas, Grupo Sambaiaíá, Renata Pires, Mari do Cavaco, Fernanda Carvalho, Shay, Lidi de Lima.

A live aconteceu no domingo, 7 de março, e teve o apoio do Satélite



GUAÍRA SOARES

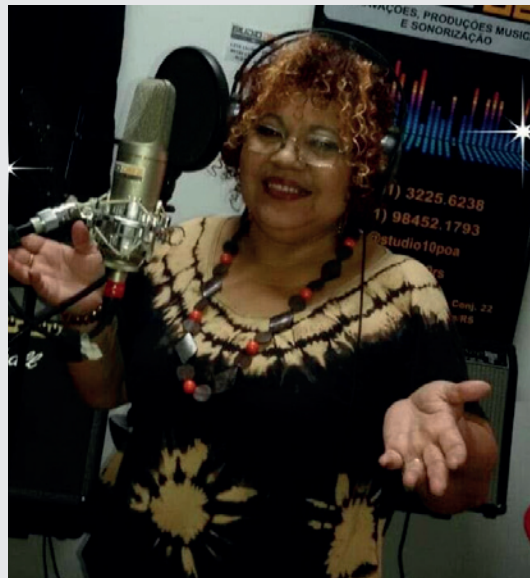
Prontidão, clube negro de Porto Alegre, que tem mais de cem anos de existência. O projeto o *Samba das pretas* é uma tática de resistência e de denúncia da “invisibilidade” da mulher dentro do universo do samba.

O espaço do samba sempre foi definido como lugar para homens, e ali eles se acham os donos da bola. Só eles são bons. Só homem pode tocar pandeiro, cavaco, violão e surdo de forma genial. E isso é uma visão machista. Por isso

que chegamos com *O samba das pretas*, mobilizando a sociedade para dizer que tem mulher no samba, sim.

O projeto adquire grande relevância no momento atual do Brasil, com o crescimento de posturas conservadoras e preconceituosas na sociedade brasileira, afirmam suas protagonistas.

E, para dar continuidade a ele, duas importantes programações estão previstas para acontecer ainda, com datas definidas para os dias 27 de março - gravação do show ao vivo com todas as componentes do projeto no Espaço do Clube Satélite Prontidão e, 13 de abril, participação no Festival Respeita a Cultura em Defesa da Vida. Apesar de toda incerteza diante da pandemia e da vacinação, o ano de 2021 promete ser de muitas afirmações da força e do talento das mulheres, em especial das comunidades periféricas. Viva o samba!



HAIDEE

Facebook: facebook.com/maridossantos

Instagram: [@cantoraguaira](https://instagram.com/cantoraguaira)

e-mail: haydee.guedes@gmail.com

Chamada Pública Reconexão Periferias

No primeiro semestre de 2020 realizamos um edital de Chamada Pública para organizações e coletivos que fazem parte da rede Reconexão Periferias, 28 entidades foram contempladas. As atividades fruto da Chamada Pública Reconexão Periferias, realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria da Friedrich-Ebert-Stiftung, acontecerão até 2021. Veja alguns materiais de divulgação de algumas atividades realizadas.



Saúde da juventude de terreiro



Lumyjacaré e Kitembo convidam para curso sobre:

Saúde do povo preto e LGBTQIA+ nos terreiros

Infecções sexualmente transmissíveis - IST's
Tratamento, prevenção e cuidados
LGBTQIfobia, racismo e dificuldades de tratamento
O sagrado, a saúde e a doença
Pauta de luta da juventude de terreiro

Facilitadores: profissionais da saúde, assistente social, psicólogo, tata de nkisi

Quando?

23/02, 23/03, 27/04 e 25/05
Horário: 19h às 21h

Onde?

On-line

Inscrições gratuitas

2197977-3057 (Vagner)

Realização:



Apoio financeiro:



Apoio:



CAPACITAÇÃO PARA COLETIVOS

FORMAÇÃO PARA COLETIVOS DA REGIÃO S DE VILA VELHA / ES

Realização: Instituto Nô de Desenvolvimento Comunitário

Apoio e Patrocínio: Fundação Perseu Abramo, Friedrich Ebert Stiftung

Agenda Troyin

Agência Comunitária de Notícias

Falando do cas e evitando o CAQ... Com Dani Laci e Rogerinho Camiel
Toda quinta feira as 16h00

Da boca pra fora Um bate papo com as periferias das cidades participantes do projeto.
Aos sábados a 17h00 Wesley Dias fala do Bairro Floresta - Sobradinho -RS 13/03

Da boca pra fora Um bate papo com as periferias das cidades participantes do projeto.
Aos sábados a 17h00 Kathy Dion fala do Faxinal - Santa Cruz do Sul -RS 20/03

27.02 ÀS 15HRS

IDEIA DE GUE TTO

MALI (Campos de Siam Sergipe 2020)

RYAJ (Campos de Bahia Todos Santos 2020)

APRESENTAÇÃO:
BLENDA SANTOS E JÚLIA CORREIA
AO VIVO NO GENISEPRODUÇÕES

Logos of Fundação Perseu Abramo, Friedrich Ebert Stiftung, and Instituto Nô de Desenvolvimento Comunitário.

Movimento Feminino Sergipano Aúa Anana

Mulher em Movimento

Transmissão pelo Instagram: @josedibiana

Realização: Instituto Nô de Desenvolvimento Comunitário

Apoio: FUNCAP, Cel Alder Blanc, Friedrich Ebert Stiftung, Fundação Perseu Abramo

07/03/2021

local Igreja São Rafael
15hs
com padre Pedro
Santa Maria

A hora é deias Oficina e roda de capoeira!

contato 079 99643 1954

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial de Covid-19, a agenda deste mês será destinada à divulgação de programações online:

Programa Semanal Reconexão Periferias

Terça- feira, às 17h (horário de Brasília)
No canal da Fundação Perseu Abramo
Abramo: [www.youtube.com/
FundacaoPerseuAbramo](http://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)

PerifaCon, primeira comic con das favelas, lança o festival

PerifaCon, Brotando nas Redes, com programação gratuita nerd, geek e pop nos dias 26, 27, e 28 de março. Onde: YouTube da PerifaCon.

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação
<https://www.mulheresnacomunicacao.com/>
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h
O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Documentário sobre as periferias e a pandemia

Realização: Favelativa
Disponível em: Confira o documentário completo no [link](#)

Rádio Comunitária "A Voz das Comunidades" 87,9FM

na página do Facebook e no aplicativo [https://www.facebook.com/
radiocomunitariaavozdascomunidades
87.9fm](https://www.facebook.com/radiocomunitariaavozdascomunidades87.9fm). Programações diárias das 6h às 20h (horário de Manaus).

Lives "Periferias e Perspectivas" com o debate "Periferias Amazônicas em tempos de Pandemia"

Realização: Coletivo Ponta de Lança
Todos os sábados, às 17h (horário de Manaus) As lives serão transmitidas pela Fanpage do Coletivo Ponta de Lança no Facebook.

Live Imersão ao PARA-ISO abordam estatísticas e arte-expressões de corpos com HIV/AIDS

Dias 15, 16 e 17 de março, das 14h até 16h30. No Instagram (@corre_ba)

Enxurrada III lança o Podcast Casa Preta com bate-papo sobre gestão de espaços culturais alternativos

Todas às quartas feiras entre 3 de março e 21 de abril
Disponível nos canais [Spotify](#) e [Deezer](#)

Canal Combate pelo Socialismo - com diversos programas semanais, incluindo o "Foco na Perifa"

Toda terça-feira. Assista neste [link](#)

Podcast do Instituto de Estudos Brasileiros - USP

Canal de podcast que aborda aspectos diversos dos acervos e das pesquisas em curso. Disponível neste [link](#)



Edital	Foco	Prazo	Link
Fundo Nossa Parte Pelo Todo	O Edital irá selecionar e investir recursos em iniciativas que contribuam com o enfrentamento aos efeitos da pandemia de COVID-19 nas comunidades onde o Instituto BRF está presente. São 4 Frentes de Patrocínio: A - Saúde e Ações Emergenciais; B - Geração de Trabalho e Renda; C - Educação e Inclusão Tecnológica; e D - Segurança Alimentar e Proteção Social.	A depender da frente, inscrições até 18/06/2021	https://editaisibrf.prosas.com.br/nossa-partepeletodo2021.html?utm_campaign=divulgacao_email_iv_fundo_nossa_parte_pelo_todo_ibrf&utm_medium=email&utm_source=RD+Station
Processo seletivo Trê investindo com causa	Se o seu negócio visa gerar impacto socioambiental, cultural ou econômico positivo, inscreva-se para participar do nosso processo de seleção. A Trê busca conectar pessoas que querem investir no seu negócio, e oferece o investimento "peer-to-peer", também conhecido como empréstimo direto ou coletivo. Esta é uma modalidade onde vários investidores podem reunir esforços, em forma de capital, para financiar o seu negócio a taxas justas, para que possa impulsionar seu impacto gerado	Inscrições contínuas	https://treinvestimentos.com.br/quero-financiamento/
Edital Conectar para Transformar 2021	Poderão participar do edital Conectar para Transformar 2021, pessoas jurídicas de direito privado legalmente constituídas com ou sem fins lucrativos (Associações, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, entidades sociais, dentre outros, além de empreendedores individuais (MEIs).	30/03/2021	https://editalbasf.prosas.com.br/

OPORTUNIDADES

Matchfunding Enfrente o Corona	A Fundação Tide Setubal, em parceria com a Benfeitoria, abre inscrições para o Matchfunding Enfrente o Corona, plataforma de financiamento de iniciativas de enfrentamento dos efeitos do Coronavírus nas periferias brasileiras.	Inscrições contínuas	https://capta.org.br/opportunidades/fundacao-tide-setubal/
Fondo de Acción Urgente	Os Apoios de Resposta Rápida – ARRs é um modelo único de financiamento flexível e de curto prazo criado pelos Fundos de Ação Urgente, para apoiar de maneira estratégica ações que: protegem a diversidade de ativistas e suas organizações, quando elas estão em risco ou ameaçadas por seu trabalho na defesa dos Direitos Humanos e do território e da natureza; ou que atuem pela defesa e promoção dos direitos das mulheres e das pessoas LGBTIQ+, estabelecendo precedentes legais, influenciando políticas e/ou promover mudanças nas práticas sociais ou culturais.	Inscrições contínuas	https://fondoaccionurgente.org.co/es/que-hacemos/apoyos-de-respuesta-rapida
Edital Lado a Lado 2021 - Instituto Cyrela	Reforçando e acreditando no papel importante que as organizações sociais exercem na sociedade brasileira, o Instituto Cyrela oferece este edital para proporcionar a doação de 30 (trinta) prêmios de R\$12 mil (doze mil reais) cada, para organizações sociais, com o objetivo de contribuir para a sustentabilidade operacional de cada organização premiada.	Até 18h do dia 12/03/2021	https://prosas.com.br/editais/8725-edital-lado-a-lado-2021-instituto-cyrela?locale=es

<p>29º Edital do Fundo PPP-ECOS – Amazônia Legal</p>	<p>Iniciativas comunitárias ecossociais atuantes na Amazônia Legal dos estados do Tocantins, Mato Grosso e Maranhão poderão se inscrever no Edital Amazônia do PPP-ECOS com recursos do Fundo Amazônia/BNDES. As temáticas também são variadas e conversam com as seguintes linhas de atuação: atividades econômicas desenvolvidas a partir do uso sustentável da vegetação, conservação e uso sustentável da biodiversidade, recuperação de áreas desmatadas e temas transversais que dialoguem com um ou mais dos anteriores, como turismo ecológico ou planos de gestão ambiental e territorial</p>	<p>03/05/2021</p>	<p>https://capta.org.br/oportunidades/ppp-ecos-amazonia-legal/</p>
<p>Soluções Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil 2021</p>	<p>O Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 e o Instituto Democracia e Sustentabilidade (IDS) abriram edital para selecionar até dez soluções criadas no Brasil que contribuam para o alcance de um ou mais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030.</p>	<p>26/03/2021</p>	<p>https://capta.org.br/oportunidades/solucoes-ods-2021/</p>

OPORTUNIDADES

FUNAI: Gestão Ambiental e Territorial Indígena	A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) divulgou edital que selecionará propostas de financiamento para elaboração de Planos de Gestão Territorial e Ambiental ou outros projetos comunitários que apoiem a Gestão Territorial e Ambiental Indígena. Podem se inscrever associações e organizações indígenas com CNPJ regularizado, fundadas há mais de 1 ano. As propostas devem ser voltadas para os biomas Mata Atlântica e Pampas, e podem solicitar até R\$ 60 mil ou R\$ 120 mil, a depender da categoria de inscrição.	12/03/2021	https://www.gov.br/funai/pt-br/aceso-a-informacao/licitacoes-e-contratos/selecao-de-pessoal-em-andamento/edital-01-2021-projeto-bra
7ª edição do edital Fundação Cargill	Visa identificar, estimular o desenvolvimento e apoiar a gestão de projetos, negócios de impacto social e pesquisas voltados à alimentação segura, sustentável e acessível. O objetivo é oferecer suporte técnico e financeiro para até 15 projetos que tenham duração máxima de 24 meses (de janeiro de 2022 até dezembro de 2023), com valores entre R\$ 50 mil e R\$200 mil para cada um dos selecionados.	19/03/2021	https://alimentacaoemfoco.org.br/quem-somos/edital/?utm_